

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR: Anchieta nasceu na ilha de Tenerife, no arquipélago das Canárias, quando domínio espanhol, em 1534. Aos quatorze anos seus pais o mandaram a Coimbra, Portugal, para fazer os estudos superiores. Foi um excelente aluno, admirado pela viva inteligência, por sua brilhante voz e capacidade de compor poesias. Fascinado, como seus colegas, pelas aventuras de Manoel da Nóbrega e Francisco Xavier, e sentindo o chamado de Deus, torna-se noviço na Companhia de Jesus.

Contraí uma doença óssea, que o faz sofrer muito e lhe encurva as costas. E, com esperança de que o clima do Brasil faça bem à saúde, é enviado com outros religiosos doentes para a colônia portuguesa. Após penosa viagem, atracam na Bahia de Todos os Santos, onde permanecem um mês. Em seguida partem para o sul, em frágeis naus.

Enfrentando muitos perigos e vários acidentes marítimos, chegam finalmente em São Vicente, onde os missionários deveriam executar um árduo trabalho.



Reconstrução jornalística da vida do Pe. Anchieta por Reinaldo Fleuri - capítulo 2.º.

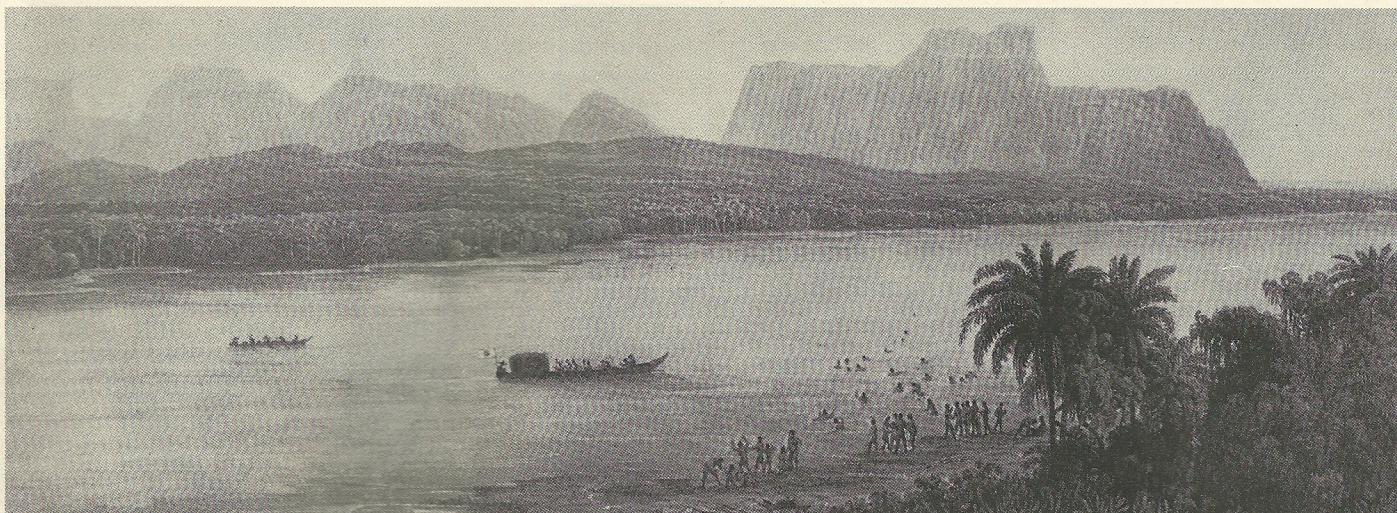
A ameaça dos T

Anova leva de missionários, chegada em 1553, já tinha um destino traçado nos planos de Manoel da Nóbrega. Alguns reforçariam as missões da Bahia, Porto Seguro e Espírito Santo, e a maioria devia vir a São Vicente, para desenvolver um novo projeto missionário.

Tudo começara com Leonardo Nunes, o primeiro padre a se estabelecer na Capitania de São Vicente, em 1549. Os índios o haviam apelidado de “abarábebe”, padre voador, pois era forte e audaz, e foi o primeiro sacerdote a subir ao planalto e visitar os índios da aldeia de Piratininga. No planalto, conhecera também o aventureiro João Ramalho e o induzira a construir uma capelinha, dedicando-a a Santo André. Com isso, em 1553, fundou-se a aldeia de Santo André da Borda do Campo, às margens do rio Guapituba.

As pregações do Padre Nunes haviam despertado, em vários jovens e adultos, o desejo de ser missionário como ele. Eram homens simples, colonos portugueses e mamelucos, que precisavam ser formados. Por isso, Padre Nunes pediu reforços para fundar um Colégio em São Vicente. Em 1553, Nóbrega veio da Bahia com alguns companheiros, para dar nova forma e continuidade ao trabalho de Padre Nunes. Subira também ao Planalto e conquistara a amizade de João Ramalho.

Ao ouvir falar dos índios guaranis ou carijós, do Paraguai, como os mais receptivos à evangelização, Nóbrega começou a imaginar o audaz projeto de chegar até eles. Sonhava avançar pelo sertão, até cem léguas (600 Kms) de distância. Para isso, era preciso fixar alguns entrepostos de viagem. O mais próximo seria Piratininga, para onde transportaria o Colégio de São Vicente. O posto seguinte seria instalado na região de Maniçoba (na altura da atual cidade de Itú).



Os Irmãos e padres recém-chegados deviam realizar a primeira etapa desse ousado empreendimento, iniciando o colégio no planalto de Piratininga.

Nóbrega já havia escolhido o local: uma imponente colina entre o Rio Tamanduateí e o Riacho Anhangabaú, a três léguas da Vila de João Ramalho e a meia légua da aldeia de Piratininga. E, a seu pedido, os índios já haviam construído uma cabana de 14 passos de comprimento por dez de largura, onde se instalaria o novo colégio.

Pretendia-se fundar um colégio diferente, com o ensino de latim, a fim de formar também sacerdotes. O Irmão José de Anchieta ensinaria latim aos alunos, inclusive ao próprio superior, padre Manuel de Paiva,

amoios

que se achava fraco em matéria de línguas.

Na manhã do dia 25 de janeiro de 1554, quando se comemora a conversão do apóstolo São Paulo, a missa celebrada pelo Padre Paiva inaugurou o Colégio, em torno do qual começaria a se formar a cidade que ostenta hoje o nome do Apóstolo dos gentios.

Foi um engano pensar que no Planalto seria mais fácil arranjar alimentação. Os estudantes do pequeno colégio se defrontaram com um período de escassez de alimentos. Recorriam às raízes de plantas, às folhas de mostarda e, quando ocorria uma revoadada de formigas içás, aproveitavam para se faltar delas.

Depois de alguns meses os alunos maiores tiveram que se dispersar para arranjar comida, aproveitando as viagens para evangelizar.

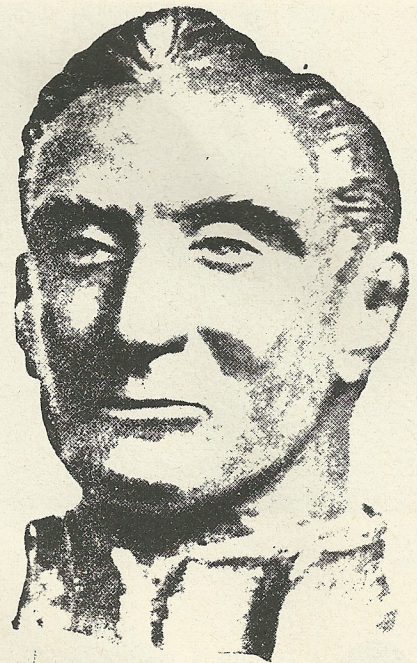


Subindo ao Planalto o Pe. Anchieta conseguiu conquistar a amizade de João Ramalho.

Anchieta ficou no colégio com poucos alunos de latim e alguns alunos menores. Dedicou-se também a ensinar o catecismo aos indiozinhos, os “curumins”. Com eles, aprendeu a falar muito bem o tupi e descobriu suas regras gramaticais, chegando a redigir vários textos nesta língua.

O tempo, para Anchieta, era escasso. Ele era responsável pelo ensino de latim e lógica a seus coirmãos e se dedicava também à educação dos meninos europeus, mamelucos e tupis. Não dispondo de livros didáticos, compunha e copiava os textos durante a noite. Dormia apenas três ou quatro horas e, às vezes, amanhecia escrevendo. E como não era padre ainda, nas horas vagas se debruçava sobre os livros de Teologia para chegar ao sacerdócio tão almejado.

Foi devido a esta incansável dedicação ao trabalho, que José de Anchieta pôde compor vários textos em tupi, como os Diálogos da Fé, um cate-



A povoação de São Paulo e Pe. Manoel da Nóbrega, provincial da Companhia de Jesus.

cismo adaptado para os índios, e mais três opúsculos para preparar os mesmos ao batismo, à confissão e à hora da morte. O texto mais importante foi a “Arte da Grammatica da Língua mais usada na Costa do Brasil”, que prestou inestimáveis serviços a muitas gerações de missionários e aos próprios habitantes deste país.

Os missionários pouco a pouco foram abandonando o projeto de chegar ao Paraguai. Dois alunos maiores – Pedro Correia, antigo escravagista convertido, e o ex-soldado João de Souza – que foram enviados ao Paraná, a fim de achar o melhor caminho para a terra dos carijós, acabaram sendo mortos por estes em 1554. Além disso, a morte do Padre Leonardo Nunes, em naufrágio indo à Europa e, por fim, a proibição de se ir ao Paraguai, por ser domínio espanhol, acabaram por sepultar os ousados projetos do Padre Nóbrega, que voltava para a Bahia em 1556.

Em compensação, as atividades do Colégio São Paulo absorviam quase todas as forças dos missionários. O colégio ia se tornando o centro de uma nova povoação: os primeiros índios haviam se dispersado, mas vieram morar lá várias famílias de portugueses. O chefe Tibiriçá transferiu toda sua aldeia da margem do Tietê para o pontal fechado pela confluência dos rios Anhangabaú e Tamanduatéi.

A pequena povoação ia assumindo formas de uma vila, com algumas praças e ruas delineadas pelas palhoças construídas ordenadamente.

A vida diária era movimentada. Os vários serviços absorviam os homens, os trabalhos caseiros ocupavam as mulheres e as crianças iam às aulas no colégio. As festas, procissões e cerimônias religiosas promovidas pelos jesuítas freqüentemente reuniam na alegria aquela população já bastante diversificada.

Apovoação crescia rapidamente. Por isso, Mem de Sá, Governador-geral do Brasil, transferiu o título de Vila de Santo André, para São Paulo, em 1561.

A nova Vila de São Paulo passou a ser hostilizada por tribos de tupis do sertão. Instigados pelos invasores franceses e auxiliados pelos tamoios, em 9 de julho de 1562 investiram sobre a nova vila, para exterminá-la. Mas Tibiriçá, com outros chefes indígenas convertidos, defenderam-na valorosamente, até vencer os agressores.

Após esse terrível combate de dois dias, índios e colonos se sentiram mais unidos e a catequese se tornou mais próspera, com vida cristã mais acentuada.

A maior ameaça, porém, vinha dos tamoios, que com ataques repentinos estavam tornando impossível a vida dos colonos portugueses no Sul. Por terra e por mar armavam-lhes emboscadas, aprisionavam homens e mulheres, levavam-nos para suas tabas e, entre danças e cantos de guerra, os matavam e os comiam.

Os tamoios, que começavam, em 1562, a desencadear essa feroz agressão contra os colonos portugueses, haviam ingenuamente caído na trama dos invasores franceses. Estes tinham se estabelecido no Rio de Janeiro em 1555 e conquistado a amizade dos tamoios. Vencidos por Mem de Sá em 1560, os franceses haviam fugido da Guanabara, penetrando nas florestas. E, com a intenção de depois se apossar desta nova colônia, levantaram as tabas de seus aliados para a guerra, que prometia ser tremenda e sem tréguas, até o extermínio do último colono português.

Os índios tamoios atacavam as fazendas, as lavouras, as criações. Saqueavam, matavam, destruíam e incendiavam.

O terror e o medo se espalhavam entre a população. Mal se tinha a mais vaga notícia de que

os tamoios estavam a dezenas de léguas, já os moradores abandonavam as fazendas e vinham refugiar-se nas povoações. Era a união para a defesa.

Nóbrega, que já estava de novo em São Vicente desde 1560, sentia o drama da situação em que vivia a colônia. Resolveu ir até os tamoios e tentar a paz. Era uma empresa muito arriscada. Tudo indicava que fracassariam as tratativas com os chefes como Caoquira, Jaguanharó, Cunhambebe, que tinham a fama de terríveis e sanguinários.

Nóbrega, porém, não via outra saída. Escolheu como companheiro Anchieta, seu intérprete de tupi, homem em que confiava inteiramente, por sua virtude e por sua diplomacia.



Refém dos Tamoios

Partem de Bertioiga, perto de São Vicente, no navio do grande amigo José Adorno. Após 26 léguas (156 quilômetros) atracam na costa de Iperoig (hoje, Ubatuba), onde encontram a primeira aldeia de tamoios.

Inúmeras canoas vêm ao encontro do navio. Os tripulantes logo imaginam um ataque. Mas, felizmente, os índios acolhem os missionários amistosamente, com muitas gentilezas.

Nos dias seguintes, Nóbrega e Anchieta iniciam as difíceis tratativas e a arriscada convivência com os tamoios. Celebram as primeiras missas entre os tamoios, cheios de natural curiosidade.

E não tardam momentos difíceis e de grande susto.

Um dia – escreve Anchieta em uma carta que é um verdadeiro romance de aventuras – encontra-se ele com Nóbrega passeando pela praia. Na ponta da enseada aparecem algumas canoas inimigas. Assustados, os padres saem correndo pelo areal, à procura de um esconderijo. Chegam ao final da praia e se defrontam com um rio. Não há tempo para Nóbrega descalçar as botas, que usa para proteger as feridas em suas perna. Anchieta o toma nas costas para atravessar com ele o rio. Mas, corcunda e fraco, não agüenta o peso e o deixa cair na água.

A muito custo atingem a outra margem. Encharcados, tentam subir o morro, para atingir a aldeia do chefe amigo Pindobussu. A roupa pesa e Nóbrega não agüenta mais de cansaço. Tira a batina e fica de camisa. Mesmo assim não consegue subir morro acima. Anchieta estende-lhe uma vara e começa a puxá-lo.

As suas costas já podem ouvir a gritaria dos índios, que, a esta altura, chegaram ao rio.

– Pega, pega, agarrem esses abarés!

Felizmente encontram um índio da aldeia. Suplicam-lhe, com muitas promessas, uma ajuda. O índio coloca o velho padre nas costas e o leva até a cabana onde estão hospedados.

Mas Pindobussu está ausente. Não há quem os possa proteger. Põem-se a rezar, pedindo a proteção divina.

Paranábusu, filho cruel de Pindobussu, irrompe na cabana com a espada de pau desembainhada. Ameaça desfechar um golpe fatal na cabeça de Anchieta. Por um instante hesita e recua. Arrepende-se e sai dizendo:

– Se não o matei, já ninguém o matará.

Após difíceis conversações, os chefes tamoios concordam em acompanhar Padre Nóbrega a São Vicente para tratar a paz com os portugueses. O Irmão José se dispõe a ficar como refém, até que o tratado de paz esteja concluído.

A convivência com os índios não é fácil. Antonio Luís, um português que veio resgatar sua mulher e filhos capturados pelos tamoios, fica em companhia de Anchieta. Mas lhe traz inúmeros problemas e lhe causa grandes preocupações.

Anchieta enfrenta com coragem e paciência as dificuldades que aparecem no dia-a-dia. Procura desfazer, diplomaticamente, os falsos boatos que se espalhavam contra a sinceridade dos colonos. E não perde ocasião para dar atendimento espiritual a quem precisa. Uma vez batiza uma menina nascida quase morta. Outra vez, corre para acudir um menino, filho de prisioneiro e de moça tamoia, enterrado vivo pelas índias. Consegue desenterrá-lo ainda com vida, lava-o e após muitos rogos, obtém que o amamentem. O menino não vive muito, mas Anchieta se consola porque a criança, ao menos, foi batizada antes de morrer.

Em outra ocasião, o irmão José fica sabendo que um índio inimigo, feito prisioneiro, ia ser morto no terreiro. Não podendo impedir que a condenação se consumasse, vai ter com ele, mesmo arriscando a própria vida. Consegue dar-lhe uma sumária instrução religiosa e batizá-lo às escondidas, antes de ser trucidado e comido.

A ameaça dos Tamoios

A vida de refém é árdua. Passa fome e frio. E, além de ameaçado em sua saúde física, Anchieta passa por dificuldades morais. Com seus 29 anos, sente que a presença das índias podia estimulá-lo a romper com o voto que fizera, um dia, perante a Virgem na catedral de Coimbra. Aliás, os silvícolas não compreendem porque o padre, ao contrário dos outros brancos que conheciam, não se permite promiscuir. E até prefere passar noites ao relento, às vezes sob chuva e frio, antes que presenciar às festas que os índios e as índias fazem na grande oca onde está alojado.

Consciente de sua fraqueza humana, o Irmão José procura o auxílio da Virgem e promete escrever-lhe a vida em verso. E intui que ela o atende, não permitindo que ele morresse antes de ter acabado o poema.

Anchieta está tão certo dessa sua intuição que não se inquieta com as contínuas ameaças dos índios:

– José aproveite para ver bastante o Sol – dizem-lhe os índios – que tal dia o mataremos e comeremos.

– Não me matarão – responde ele com voz segura – porque ainda não chegou a minha hora.

Anchieta passa a maior parte de seu dia compondo mentalmente versos de um longo poema. E nessa contínua contemplação, não tem mais tempo para acalentar suas dificuldades.

Os índios o vêem freqüentemente passeando na praia. De vez em quando, ele pára, agacha-se pega um galho seco e rabisca alguma coisa na areia da praia. É uma estrofe mais difícil que está articulando. Em seguida, se levanta e continua andando, enquanto o vento e as ondas logo vêm apagar seus rabiscos.

O Irmão José compõe em latim e memoriza os quase 5.800 versos do Poema que mais tarde retocaria e concluiria, escrevendo-o em 1564, com o título “De Beata Virgine Dei Matre Maria”. Este poema, que seria logo copiado e traduzido, se tornaria conhecido como o Poema da Virgem.

Os dias rolam. Finalmente está de volta a comitiva que acompanhara Manuel da Nóbrega até São Vicente. Trazem uma boa notícia: os portugueses haviam concordado com as propostas dos tamoios. A paz está selada.

A esta altura, após quase cinco meses de convivência, os tamoios haviam sido pouco a pouco conquistados pela bondade de Anchieta. Ficaram impressionados pelos inúmeros atos em que ele havia se desdobrado para atender suas necessidades materiais e espirituais.

É hora de voltar para o Colégio de São Paulo. Anchieta é acompanhado por muitos tamoios, agora seus amigos, até o local de embarque. Já sente saudades ao deixá-los, mas se alegra de poder rever novamente o povo de Piratininga.

(continua – 2)